

Exposição · 14 outubro 2017 – 7 janeiro 2018

Time Capsule

A revista *Aspen*, 1965-1971

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Em 1965, a editora norte-americana Phyllis Johnson decidiu iniciar um projeto editorial que pretendia, nas suas próprias palavras, ser um termómetro do seu tempo. Aspen, onde se encontrava quando o projeto começou a ser concebido, era uma estância turística que se tinha vindo a desenvolver desde 1945, sobretudo pela mão do empresário Walter Paepcke e de sua mulher Elizabeth, diplomada em História da Arte, em torno de uma ideia de *design* largamente influenciada pela Bauhaus. O desenvolvimento de Aspen e a proeminência da cultura arquitetónica que os Paepcke recolheram na colaboração com Walter Gropius e Herbert Bayer, viria a conduzir a um programa de dinamização cultural da pequena cidade mineira, transformada em estância de luxo e epitome de uma visão cultural que produziu a *Goethe Bicentennial Convocation and Music Festival* (em 1949), acolhida numa tenda desenhada para o efeito por Eero Saarinen. A cidade desenvolver-se-ia num cruzamento entre uma ideia setecentista europeia de cultura e a atração das classes mais altas pelos desportos de Inverno. Seria ainda este ambiente que tornaria Aspen, pela mão de Herbert Bayer, no lugar ideal para o desenvolvimento da Conferência Internacional de Design (IDCA) em 1965.

É a partir deste ambiente que Phyllis Johnson concebe a revista *Aspen*, acessível só por assinatura, da qual viriam, entre 1965 e 1971 a ser publicados apenas dez números.

A ideia da publicação como uma caixa dentro da qual viriam inúmeros materiais (brochuras, postais, cartazes, discos e mesmo filme) está ligada a uma experiência de fruição coletiva, em grupo, própria das transformações culturais da década de 1960.

Cada número da revista viria a ter um editor e *designer* diferentes, por vezes acumulando nas mesmas pessoas ambas as tarefas.

Se os primeiros dois números da revista estão ainda muito ligados ao ambiente da estância de Aspen, à sua arquitetura e frequência social, a partir do número #3 e até ao número #9, a *Aspen* transforma-se num espelho das tendências mais inovado-

ras da cultura emergente à época, sobretudo centrada no ambiente e nas polémicas do universo artístico, a que se juntaria a influência tutelar de Marshall McLuhan, particularmente intensa após a publicação de *Understanding Media (Compreender os Media)* em 1964.

Cada número da *Aspen* é, portanto, um testemunho vivo de um tempo, quer nos conteúdos publicados, quer no *design* – sendo hoje particularmente estimulante compreender a importância posterior de alguns dos designers envolvidos, à cabeça dos quais está Quentin Fiore. Também em termos editoriais a *Aspen* tem alguns trunfos importantes, como a publicação, em primeira mão, do influente texto de Roland Barthes “The death of the author” (“A Morte do Autor”), estreado nesta edição americana (no número #5+6).

A exposição percorre os vários números da revista, encontrando-se cada número assinalado por uma cor – numa paleta escolhida pelo artista plástico João Queiroz –, na qual estão colocados os itens da revista, ficando o espaço branco da galeria para a documentação que enquadra os números #3 e #9.

Esta exposição só foi possível realizar pela generosidade do colecionador António Neto Alves que colocou à disposição a sua coleção da revista *Aspen*, bem como o enorme espólio que tem reunido em torno da contracultura norte-americana nascida a partir do movimento *Beat* (para além de ter colaborado determinadamente na seleção das restantes peças que contextualizam a revista).

A identificação dos itens expostos encontra-se e folhas disponíveis à entrada das galerias.

Para cada sala foi produzido um vídeo que dá conta da forma como cada número está organizado e pode ser manipulado.

Ao longo do espaço expositivo, três postos com acesso à internet permitem consultar o site dedicado à *Aspen* alojado no site *Ubu Web*, no qual cada número é descrito em detalhe.

Ao longo da exposição vai-se revelando a permeabilidade dos vários movimentos contra culturais nos Estados Unidos pela forma

como vários autores colaboram em diferentes números, estabelecendo uma permeabilidade entre Pop Art, conceptualismo, *performance*, dança e pensamento pós-estruturalista que desestabiliza qualquer visão compartimentada e canónica da arte americana na transição entre os anos 1960 e 1970.

A *Aspen*, número a número

#1 e #2

Na primeira sala da exposição encontram-se os números #1 e #2.

O número #1 é concebido e desenhado por George Lois, Tom Courtos e Ralph Tuzzo e está vinculado, bem como o número seguinte, a uma visão cultural da estância de Aspen. O *design* sofisticado percorre os vários itens, nomeadamente uma brochura sobre jazz, comparando o jazz moderno e o clássico que inclui um flexidisc com gravações de Bill Evans e St. James Infirmary Blues, um *standard* dos blues. De notar a brochura que inclui as comunicações à 15ª IDCA (International Design Conference in Aspen), cuja capa inclui a imagem do Pavilhão desenhado por Charles e Ray Eames.

O #2, desenhado por Frank Kirk e Tom Angotti, continua a mesma tipologia, incluindo também um registo fonográfico de Scriabin e uma brochura sobre a Aspen Film Conference, no qual são reproduzidos excertos de dezassete conferências.

#3

Fundamental na viragem editorial da *Aspen*, o terceiro número foi editado e desenhado por Andy Warhol e David Dalton. Constitui um fresco da Pop Art americana na década em 1966, com contribuições de Gerard Malanga, Lou Reed, John Cale, a presença tutelar dos Velvet Underground e a memória da Conferência realizada em Berkley sobre LSD, para além de um resumo da Pop Art na coleção de Thomas Powers através de doze postais comentados pelos artistas.

Inclui, ainda, uma publicação introdutória ao projeto performativo multimédia

Explosion Plastic Inevitable, resultado da colaboração entre os Velvet Underground, Andy Warhol e Nico, no estabelecimento do primeiro processo genuinamente multimédia a partir do contexto pop, para além das experiências de Ken Kesey e dos Grateful Dead.

Na exposição encontram-se patentes alguns cartazes de concertos históricos dos Velvet Underground, para além de edições raras de catálogos e livros de artista de Andy Warhol e Gerard Malanga.

#4

O #4 da *Aspen* é fundamental para qualquer compreensão das transformações culturais deste período. Concebido e desenhado por Marshall MacLuhan e Quentin Fiore, é toda uma teoria sobre *design* e semiótica. As contribuições de John Cage, a publicação de registos fonográficos de Mario Davidovsky e Daniel Kunin, as reflexões de Bob Chamberlain sobre a cultura motociclista na América, ou o sumptuoso *design* da brochura sobre a cegueira e a deambulação constituem marcos fundamentais, para além da forma como está incluída a publicidade: uma capa que ostenta a frase: “O mundo são más notícias”, para contrapor no interior “A publicidade dá as boas”. A América no final da década de 1960.

#5+6

O número duplo numa caixa concebida por Brian O’Doherty é um dos mais importantes exemplares da revista. Tomado como o número Minimal, de facto é sobre a relação entre uma abordagem analítica da prática artística, um recuo histórico em direção aos possíveis fundamentos, em Duchamp e no movimento Dada, das segundas vanguardas e um passo em direção à performatividade. As colaborações de David Smith, Dan Graham, Brian O’Doherty, para além dos registos fonográficos, transformam este número da *Aspen* numa peça bibliográfica excepcional que permite reequacionar as relações históricas entre as primeiras e as segundas vanguardas, mas também o contínuo entre a introdução,

na arte da segunda metade do século, de uma perspectiva analítica e a relação com a performatividade, sob a forma da dança que, em simultâneo, se afirmava na Judson Dance Theater, objeto do número 6A.

#6A

Este número excêntrico em relação à produção da *Aspen* consiste num repositório das folhas de sala dos eventos performativos que tiveram lugar na Judson Gallery nos anos de 1967/68, com contribuições de Nam June Paik, Carolee Schneemann, Allan Kaprow, entre outros.

#7

O número dedicado à arte e cultura britânicas foi editado por Mario Amaya, um influente crítico à época nos Estados Unidos e desenhado por John Kosh, diretor criativo da Apple Records e *designer* da capa de (entre muitas outras) *Abbey Road*, dos Beatles.

O número possui importantes contribuições de Peter Blake, bem como de John Lennon e Yoko Ono, pretendendo ser uma revisão da cultura Pop Britânica, presente nas imagens, no *design* e nos registos fonográficos.

#8

Este número da revista, normalmente conhecido como o número Fluxus, de facto encontra-se muito mais próximo do panorama pós-minimal, embora tenha sido desenhado por George Maciunas, o fundador do movimento Fluxus nos EUA.

Editado por Dan Graham, é um repositório do pensamento pós-conceptual na arte americana, com contribuições de Eleanor e David Antin, Jo Baer, Philip Glass, La Monte Young, Robert Smithson, Robert Morris, entre outros.

Provavelmente, a comparação é inevitável com o número 5+6, com o qual dialoga de uma forma particularmente interessante, tornando visível a forma como o pensamento analítico, a imersão nas filosofias orientais e uma visão topográfica contribuíram para a refundação da arte americana na transição da década.

A partir da publicação do número 8 é possível constatar como o pensamento sobre o território e a paisagem suburbana são dados importantes para qualquer reflexão sobre a arte americana nascida do cadinho cultural da década de 1960, mas também sobre a importância do som e da música como elementos estruturantes de um pensamento sobre o tempo e a espacialidade.

#9

O psicadelismo é o tema deste número da *Aspen* concebido e editado por Hetty e Angus McLise (com quem foi casado numa cerimónia celebrada por Timothy Leary, o guru do LSD), primeiro percussionista dos Velvet Underground e figura prematuramente desaparecida. Com colaborações musicais com La Monte Young e Marian Zazeela, bem como com John Cale e Terry Riley, Angus MacLise concebeu um número da *Aspen* que mergulha nas filosofias orientais e na poesia psicadélica.

Fresco da afirmação do psicadelismo na cultura americana, o número editado por MacLise constitui um testemunho do circuito que tinha iniciado com os Merry Pranksters, Ken Kesey e Timothy Leary e que se espalhou para a Europa no final da década de 1960. É particularmente interessante analisar a migração de artistas como La Monte Young ou os Velvet Underground entre diferentes contextos criativos, tornados transparentes nas páginas da *Aspen*.

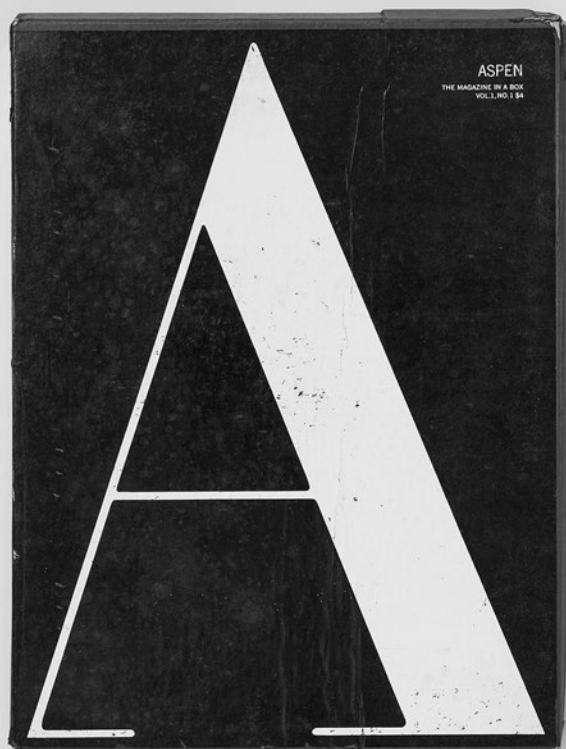
O núcleo do número 9 encontra-se reforçado por um conjunto de publicações de Ira Cohen, poeta, viajante, fotógrafo e cineasta que desenvolveu um conjunto de imagens na chamada "Mylar Chamber", um estúdio com espelhos de deformação. Na exposição, para além dos livros de poesia de Cohen, são apresentadas três retratos por Cohen da Myla Chamber, nomeadamente de Angus MacLise, de quem era muito próximo (como de Gerard Malanga, um dos protagonistas do número 3 da *Aspen*), Jimi Hendrix e William Burroughs.

#10

O último número da *Aspen*, muito raro, é dedicado ao Oriente, isto é, à China, Índia e Nepal. Num certo sentido é uma continuação do fascínio pelo Oriente do número anterior, mas convertido à História da Arte. O volume possui contribuições significativas de Gary Snyder e Allen Atwell, o primeiro um poeta que vinha de S. Francisco e da *beat generation* e o segundo artista plástico.

O número faz um percurso pela arte da Índia e da China, com textos históricos que enquadram as imagens reproduzidas

Delfim Sardo



The *Aspen* magazine was a unique publishing experience. Conceived by the publisher Phyllis Johnson while she was staying at the holiday resort of Aspen, it was published between 1965 and 1971. Each issue of the magazine was a box that contained various materials, ranging from postcards to thematic notebooks, folders, records and even Super-8 films, serving as a thermometer of its time. The chosen format proved to be highly flexible, with a different guest editor for each issue, who sometimes also took on the graphic design.

At first, the magazine maintained a very close connection to the cultural environment of Aspen, which, during the 1950s, was attempting to transform itself into a cultural hub with an emphasis on design and architecture. However, after issue no. 3, it began to be more closely linked to art and the processes of the American counter-culture. The pivotal guest editor was Andy Warhol, who brought with him the New York pop atmosphere and the collaborations of the Velvet Underground and Gerard Malanga. Issue no. 4, which revolved around the thinking of Marshall McLuhan, reveals the growing importance of his thought after the publication of *Understanding Media*, in 1964, but also the prevalence of Andy Warhol's multimedia aesthetics.

Issue no. 5+6, edited by the artist Brian O'Doherty, is the boldest of them all in conceptual terms, linking conceptual art and performativity in the relationship with dance, which was developed as a specific theme in issue no. 6A through the memory of the Judson Dance Theater.

Issue no. 7 is dedicated to British art and was edited by Mario Amaya. Issue no. 8, edited by Dan Graham and designed by George Maciunas, takes us on a journey through minimalism, through the connection to sound and through the entry of sculpture into the landscape space. Issue no. 9, edited by Angus and Hetty MacLise, was dedicated to the world of psychedelia, and, finally, issue no. 10, the vaguest of them all and without

any editor putting their name to it, plunges into eastern thought.

The *Aspen* magazine is a time capsule that enables us to understand the American cultural environment in the late 1960s, together with its sub-groups and crossovers.

The exhibition was based on the collection of António Neto Alves and enjoyed his direct collaboration, being further enriched with books and other material by some of the authors who participated in issues nos. 3, 8 and 9.

Visitas guiadas

Com Delfim Sardo

Sábados, 14 de outubro e 25 de novembro,
às 17h30

Ao domingo

26 de novembro, 16h30

À hora de almoço

Quarta, 18 de outubro; quinta, 16 de
novembro; sexta, 15 de dezembro, 12h30

Visitas guiadas a grupos não escolares

Lotação: 25 participantes

Preço por grupo: 43€ · Marcação prévia

Visitas Jogo

Para Escolas · Duração: 1h
1€ · Mínimo: 10 participantes
Reservas: 21 761 90 78

Curador

Delfim Sardo

Coordenação de produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Montagem

Bruno Cecílio, Rute Delgado, Pedro Lagoa,
Laurindo Marta, André Tasso, Isabel Zarazúa

Filmagem, edição e pós-produção vídeo

Resize – Pedro Reis, Rodrigo Peixoto

Agradecimentos

António Neto Alves

Nayia Yiakoumaki e Whitechapel Gallery,
Londres, pela generosa partilha de informação.

João Queiroz

Marta Rema

Rodrigo Dias

Galerias

De terça a sexta-feira das 11h às 18h (última
admissão às 17h30). Sábados, domingos
e feriados, das 11h às 19h (última admissão
às 18h30). Encerram à segunda-feira.

Livraria

Aberta no horário das Galerias. Encerra nos
períodos em que não há exposições.

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos

Rua Arco do Cego, 50 · 1000-300 Lisboa

Telefone: 21 790 51 55

www.culturgest.pt